

1906

Rev. "Diario Popular"

S. PAULO 24 de FEVEREIRO de 1906

# O INTERNACIONAL

Orgam da Sociedade Internacional "Redeio da Barra Funda"



REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Largo Brigadeiro Galvão num. 12 (Sobrado)

Anno I. Num. 2  
Collaboração dos Socios

## AOS LEITORES

Cumpra nós agradecer ás gentis leitoras e amaveis leitores a gentileza com que receberam o nosso primeiro numero.

Apresentamos-lhe o segundo numero, na esperança de que seja acolhido com o mesmo prazer, com o mesmo gosto, com a mesma sympathia do primeiro.

Nosso intuito é proporcionar aos leitores, e em especial ás gentilissimas leitoras, meia hora de diversão.

Em nossas linhas, encontram o que nossas almas sentem — historias de prazeres e de dores.

Historias de amores venturosos e desditosos; paginas alegres e tristes arrancadas dos nossos ditosos ou desgostosos corações.

Queiram lê-las com aquella bondade que lhes é peculiar, e queiram nos perdoar as expansões das nossas felizes ou maguadas almas.

\* \*

Carnaval!...

Estamos em pleno Carnaval.

Hoje é o dia em todos indistinctamente, pobres e ricos, grandes e pequenos, velhos e creanças, rapazes e senhoritas festejam o tradicional Carnaval, mostrando-se risonhos e felizes, ao menos apparentemente...

Estes ultimos então...

Os moços e as jovens, de porte airoso, são os que mais se divertem.

Nos bailes são elles os senhores do campo que, com seus chrySTALLINOS risos, com os ful-

fores refulgentes de seus rutilantes olhares e com suas vestes multicores, dão ás festas um brilhantismo excepcional.

Entre as centenas de lança-perfumes, elles gyram doadamente, contentemente e cheios de prazer nas azas volupiosas das encantadoras e melodiosas walsas.

Felizes!...

Dançam, dançam continuamente, e não se cançam.

Jovens namorados não perdem a vaza de repetirem as phrases de amor, cheias de doçura e de promessas.

E dançam, e riem, e se divertem.

Crêmos que na INTERNACIONAL não faltarão desses pares ditosos, e lhes auguramos que o seu divertimento seja immenso.



Nas ruas, então, entre nuvens de confettis e milhares de fitas de serpentinas, são as amaveis e garbosas senhoritas immersas.

E ellas com os esguichos de inebriadores lança-perfumes, alentam a chamma de quem as adora.

Os amantes que ainda não tiveram occasião de renderem patentes seus amores, mais ainda se deixam comprehendem, envolvendo em confettis e serpentinas, que nessa occasião são mensageiros de amor, as deusas de seus corações.

Prazer! Folguedo! Contentamento!

Fechando esta chronica, que já vae longa, de novo auguramos um mundo de divertimento aos que nos lêem.

## Siate Felice!

Sim, sei que illudi-me, quando julguei-me por ti amado, sei!

Sei que todos os meus esforços para ter o teu amor foram vãos, sei!

Bem sei que um outro goza aquella felicidade por mim tão almejada, bem sei!

.....

Os meus olhares não têm a vividez dos olhares desse que amas.

O meu sorriso não tem a expressão que tem o sorriso desse que adoras.

A minha voz não tem os sons penetrantes e commoventes que tem a voz desse que idolatras.

Emfim, eu não possuo a graça que possui esse a quem veneras, e por isso te sou tão indifferente, ao passo que esse outro é tão amado por ti!

Mas ouve: se o meu venturoso rival possui encantos que eu talvez não possuo, elle terá um coração como o meu...

Nunca, nunca coração algum ha de apaixonar-se tanto por ti, como o meu, nem mesmo o do meu rival...

Todavia, não te desejo tal.

Ao contrario, desejo que o meu rival te faça tudo o que eu fazer te quiz, e que te ame tanto como eu te amo, ou mais ainda...

Eu, não deixando de te amar sempre com todas as forças da minh'alma, supportarei em silencio todas as amarguras que me derivarem desta paixão ardente, sabendo que esse rival que eu devera odiar te faça a mais feliz entre todas as mulheres...

Natalino Graciano

## Incompreheſivel

SE comprehendesses quanto te amo, Diva,  
Se comprehendesses este grande Amor,  
Não serias para conmigo tão esquiva,  
Certo Tu lenirias minha Dor;

Se comprehendesses esta chamma viva  
Que o Teu mago sorriso é causador,  
Terias pena deſ'alma captiva  
Que Te venera com tanto calor...

Porém Tu não comprehendes meus Amores,  
Tão pouco allivias as immensas Dores  
Que Teu Divino olhar n'alma me accende.

Por isto só soffrer é a minha Sina,  
Só padecer a Sorte me destina  
Porque adoro quem não me comprehende...

*Natalino Graciano*

## Conſolação

Quando à noite no baile esplendoroso  
Vaes na onda da walsa arrebatada,  
Com a serena fronte reclinada  
Sobre o peito feliz do par ditoso...

Mal sabes tu que existe um desditoso  
Faminto de te ver, ó minha amada!  
E que sente a sua alma angustiada  
Longe da luz de teu olhar piedoso.

Mas quando a roxa aurora vem nascendo  
E a cotovia acorda o laranjal,  
E os astros vão de todo esmorecendo,

Eu creio ver-te, ó lyrio divinal,  
As minhas cartas, avida, relendo,  
Semi-núa, no leito virginal.

*Gonçalves Crespo*

## DIALOGO

— Como podes viver sem crença alguma.  
Com esse rir feito de fel, zombando  
De toda a crença que o ideal resuma  
Do christão neste mundo miserando?...

« A que bordão te arrimas, caminhando  
Após de uma miragem que se esfuma  
E vae fugindo ao teu olhar nefando  
Até se desfazer em fria bruma?

« Não acreditas que na Immensidade  
Exista um Deus de Amor e de Bondade  
Que os Bons premeia e os Maus do ceu affasta?...

— Abençoa-me, padre, a alma descerida!  
Pois tenho uma só crença nesta vida:  
Creio no amor de minha Mãe, e basta.

*Wencesláu de Queiroz*

## De Stecchetti

Se eu fora rico, dos pés aos cabellos  
Te cobriria de joias, bella, crê;  
Se eu fora Papa, por teus olhos bellos,  
Rennegarei do Vaticano a fé.

Se Imperador do mundo fora eu,  
Daria o Imperio por um beijo teu;

Se eu fora Deus, p'ro Ceu te levaria,  
E, de joelhos, lá te adoraria.

*Natalino Graciano*

## A' I...

Venho dizer-te aqui nestes versinhos,  
Onde as minhas maguas deixarei,  
Que desde o dia que vi teus ollinhos,  
Por ti, meu doce amor, me apaixonei.

Confessar te venho aqui minha amargura;  
Quanto meu coração te adora, flor;  
Dizer-te que p'la tua formosura,  
Desvairado, fiquei louco de amor!

Agora dá-me ao menos a esperança  
De um dia poder na perfumada trança  
Do teu cabello louro adormecer.

Ou diz-me que um dia serei ditoso,  
Possuindo teu coração amoroso,  
Dando afinal um fim ao meu soffrer!

*L. M.*

## Rival de Penélope

E's dura a tua distincção radiosa,  
Mas a minha alma foge do teu lado  
Receiando que o verme do peccado  
Lhe sugue o mel das potalas de rosa.

E's a estrella funesta e misteriosa  
De que resta um lampejo avermelhado  
Num pedaço da noite do passado.  
Da minha vida curta e tempestuosa.

Quando passas altiva, nem presumes  
Que alguém chora, de amor e de ciumes,  
Por ver que te não vê como eu te via...

Penélope gentil, vaidosa e rude!  
Vais a teia invisivel da virtude  
Tecendo e destecendo noite e dia.

*Mucio Teixeira.*

## O Coração

O coração é o colibri do arado  
Das veigas puras do jardim do ceu  
Um tem o mel da granadilha agreste.  
Bebe o perfume que a bonina deu.

O outro — vãa em mais virentes bolsas,  
Pousa de um riso na rubenta flor.  
Vive do mel — a que se chama crença,  
Vive do aroma — que se diz — Amor.

*Castro Alves*

## VOLTANDO

Vim tudo achar como deixei. Aquellas  
vagas doutr'ora, fortes e espumosas,  
rolam hoje nas praias arenosas,  
nas mesmas explosões, niveas e bellas.

Sobre o chrystal das ondas luminosas  
erram ainda as mesmas caravellas:  
no largo bojo concavo das vèlas  
afflam do mar as brisas lamentosas.

Dormem ainda as aves multicores  
no arminhoso frouxel do ninho quente,  
ao frescal das fo'has e das flores.

Pois bem: si eu vim achar no mesmo estado  
tudo que aqui deixei, porque, somente,  
venho encontrar teu coração mudado?

*Alberto Souza.*

## O Amor Platonico

Então existe mesmo aquella forma de amor que se limita em admirar os valores da alma; transcurando completamente todas as sensualidades, e que, em homenagem ao caracter espiritalista de Platão, se chama amor Platonico?

Stendhal o negava resolutamente; o sr. De Charnacé, na *Nouvelle Revue*, sustenta, ao contrario, que existe; tão somente declara dissentir em tudo de Littré, o qual dizia que o amor platonico se avizinha tanto à amizade, a ponto de confundir-se com ella.

De Charnacé, depois de lembrar as grandes paixões, puramente espirituaes, que inflammaram as almas de Lamartine por Julia de Hérettes, e de Augusto Comte por Clotilde de Vaux, afirma que o amor platonico differe da amizade em mil camadas de fumo, as quaes algumas chegam a ser um verdadeiro e proprio contraste.

No entanto — nota o articulista — o amor platonico admittie ao menos o sentido da vista, como consequencia da belleza do ente amado. O homem especialmente, se apraz em vêr e admirar aquella belleza, como se satisfaz de um aperto de mão ou de uma caricia.

E' verdade — continúa de Charnacé — que essas caricias não chegam à paixão, mas é certo que as vezes lhe se chegam muito, embora se conservando nos limites da castidade, como é certo que outro sentido, aquelle do ouvido, se commove e se agita, ouvindo a voz do ser amado.

O amor platonico precisa da presença continua desse ser amado: precisa talvez mais do que o amor sensual, porque não conhece aquella deliciosa sensação que sente aquelle que pode matar a sede na taça encarnada: e si não se manifesta com aquelles desenhos violentos que são ao alcance dos gozos apaixonados, se entretêm nas ternuras que lhe prodiga o affecto tranquillo e solido de uma alma.

Nesta união de dous corações — conclúe De Charnacé — que se chama amor platonico, não existem trasportes nem extases, mas uma calma mystica que invade todo o ser physico e moral, e que permite ás almas de envolar-se ás espheras serenas e puras do sentimento.

trad.

Natalino Graciano

## Historia de dor!

I  
Agosto!! Foi em agosto que a vi; foi em agosto que a amei; foi em agosto que ella me trahiu e foi em agosto que a perdi!!!  
Poderei amar ainda?!

Poderei deixar de odiar o mez de Agosto?

II  
Chamava-se... Annevica; tinha os olhos pretos, os cabellos negros, setinosos, cahidos em novellos pelas espaduas.

As mãos calçavam luvas de letra Y e os pés, os borseguins de ns. 33! Ere intelligente, illustrada, amorosa, sincera a muito infeliz?

A vi n'um baile, tinha um anno de casado. Dancei com ella uma walsa; roubei-lhe ou furtei-lhe um lenço... era o lenço bordado do seu consorcio?

Nunca mais nos fallamos depois daquella noite. Dez annos depois nos vimos, nos

encontramos, estava ella viuva ha dez mezes... amei-a então... fomos felizes!!!  
O nosso amor causou inveja, a nossa vida foi um mysterio!

Amamos-nos tres annos; apenas mil e noventa e cinco dias. A fatalidade marcou para a nossa união a data 10 de Agosto.

III  
O maior amigo; aquelle que eu mais o estimava entre todos os amigos, foi o Judas da minha felicidade. Estava escripto que eu havia de fazer tudo por um homem: vestil-o, calçal-o, matar-lhe a fome, encher-lhe as algibeiras de ouro e esse homem haveria de matar a minha felicidade! Estava escripto. deveria acontecer. — «aconteceu»!

Agora, já não creio, já não amo a mulher, não tenho amigos, não quero tel-os: tenho odio dos homens... para mim são todos maus.

IV  
Depois de trahido ainda amei-a; adorei-a! Tudo tinha perdoado! Tinha me sido fiel dois annos. Agora hã-mos ser felizes... O remorso vivendo em seu cerebro, ramificado até o coração, ia tornal-a mais amorosa do que nunca. mais docil, mais cheia de caricias, mais submissa, e, assim aconteceu. Metamorphose extraordinaria se opera nessa creatura!

Imaginae uma corrente de ternuras, dois labios unidos, n'um rumorejar de beijos, n'um entontecedor desejo de lascivia!

Imaginae os fortissimos êlos de uma demedida paixão, feridos, ameaçados de romper-se, de quebrar-se, imaginae como se estreitaram agora esses mesmos êlos, aos estallidos de duas boccas unidas, de duas almas fundidas n'uma só, de dois corpos juntos, n'um phreneside carne contra carne, de spasmo e de goso contra goso, nessa porfia sensual!

Imaginae!

V  
Isso, apenas, durou doze mezes! que com os vinte e quatro anteriores chegaram a trinta seis. Nem mais um dia, nem mais uma hora, nem mais um instante.

A fatalidade roubou-me a mulher que eu amava... porem, não me queixo demasiado da sorte. Queixo-me della, dessa mulher que devera ter mais amor que convienciças... sociaes, mais dedicação que considerações e deveria ter aniquilado, para ser feliz, o seu primeiro, o seu maior inimigo — O CORAÇÃO.

Vós que acompanhaste com tanto interesse até aqui a minha historietta de amor, não me o pergunteis o que é feito della porque só te poderei dizer:

— Não sei!

Si m'o perguntares si ainda a amo, responder-te-ei:

— Não sei!!

— Tens pena o odio? Si m'o interrogas, dir-te-ei:

— Não sei!!!

Aristoteles de Souza

## Ao amigo Alfredo Caira.

Nariz, nariz e nariz (1)  
Nariz que nunca se acaba  
Nariz que si elle desaba  
Faria o mundo infeliz.

Nariz, nariz e nariz  
Nariz que Daniel não quiz  
Descrever-lhe o diagonal;  
Posto entre o céu e a terra  
Faria eclipse total.

(1) O Sr. Alfredo Caira possui tamanho PIMENTAO capaz de fazer desabar o mundo inteiro.

D. GONÇALVES.

## Fatalidade!

Sim, amei-a!

Mas um dia me fugiu e procurei-a em vão. Passaram-se mezes e annos, e ella não apparecia, mas a esperança de de revel-a não me abandonava.

O acaso proporcionou um encontro.

O vulcão, que não se achava de todo exticto, voltou á sua actividade primitiva, e mais forte ainda senti os influxos de um amor sublime.

Fiquei extatico em sua presença, senti que uma força extranha se apoderava de meu ser, e mihi'alma como que vagasse nas regiões ethereas do ignoto.

E' que eu a amava com toda a sublimidade, todo o calor, com todo o encanto dos meus deseseis annos.

Olhei-a com um desses olhares que só comprehende quem ama.

Um desses olhares cheios de fogo que traduzia a magua e ao mesmo tempo a alegria de meu coração.

Mas, oh, fatalidade!

Em paga, ella me envolveu num olhar gélido, despido de expressão, como o olhar dum moribundo.

Elle penetrou nos reconditos de minh'alma e gelou todas as fibras de meu coração.

Foi como se desencadeasse uma terrivel tempestade após um bello e radiante dia de sol.

Surpreso, indaguei a causa do seu indifferentismo.

Havia-se casado.

Desesperada, minh'alma chorou a desventura.

Embora tudo, não a maldisse: augurei-lhe um risonho viver.

Cravei os olhos no azul do firmamento, e meus labios desprenderam ao Omnipotente uma sincera prece, pedindo a sua felicidade junto áquelle que haviam'a roubado ao coração.

E sempre que a via minh'alma segredava: «E' aquella que maguou a primeira illusão de tua juventude».

Murcharam-se as esperanças e fui buscar consolação na amplidão do esquecimento.

Havi-a esquecido.

Um dia porém, tornei a vel-a. E qual não foi o meu espanto



ao divisar em seus labios um riso de descrença.

Seu semblante que outr'ora se apresentava tao alegre e prazenteiro, agora parecia estar acabruñado por um pezar immenso.

Aquella alegria de que era possuida, como a borboleta que nas poeticas tardes de primavera, adejam em torno das raias dos jardins, havia desaparecido. Emfim, toda a sua compostura era triste e melancolica.

Embora ja esquecida, procurei saber a causa de tao grande transformação.

Era que aquelle que a roubou ao meu coração e ao seio de sua familia, cruelmente a abandonara.

Fizera como a creança inconsciente que por méro espirito de destruição, arranca a bella flor que ostenta toda a sublimidade da natureza, e entre seus damninhos dedos a espesinha, petala por petala, privando assim, a vista e o olfacto de gozar o delicado colorido de sua corolla e o ténido aroma exalado de seu seio, e do sedento e apaixonado osculo que todos os dias ao cahir da tarde vinha depositar na pureza de suas petalas o seu formoso namorado — o colibri.

E, ante a sua desventura minh'alma vagou num mar de scismas.

«EU»

Al mio amico

### Natalino Graziano dedico

questa versione di  
frammenti da Vin-  
cenzo Monti

Legge eterna ed immortale fu ben giusta e dedicata « che di là donde il bene ne deriva del mal pur anche scaturir dovesse la torbida sorgente? »

Giorni che passarono fulminei in solitaria beltà vi siete dispersi come la luce al calar delle tenebre. Allora un torrente di amore correvami per le membra e la vita mia sentivasi allegra e felice.

Ma me infelice! i tempi si sono cangiati e con i tempi le

cose; il sentimento della gioia estrema dié luogo ai miei martirii; non ho il coraggio di toglierne il velo dalle profonde ferite. Quella nera chioma come ala di corvo, quel sorriso incantato, quel sospiro innocente dovette produrre in me « tanto incendio d'affetto e tanta guerra. »

La natura colle sue bellezze mi pare cangiata e davanti agli occhi miei una oscura benda mi accieca. L'errore che in questo punto di mia vita io scorgo « la mente il cor mi allaga » e pare che offusca la natura.

Quanto sono infelice! al mio sguardo non si presentano che deserti solitarii cosparsi di ossa; al mio udito non sento se non che pianti e gemiti « dovunque il passo e la pupilla io muovo escon da ogni parte ombre e paure » e un corpo senza vita, che io calpesto, questa terra che un dì, mi fu sì cara.

Pare che tutto mi dice addio e solo il dolore mi rimane per compagno, non mi rimane altro che volger gli occhi al cielo e sciogliermi in diretto pianto.

Io mai avrei dovuto corteggiarti inumana bellezza, se ciò non fosse stato, quest'orribile cambiamento, in me non sarebbe, no, non sarebbe avvenuto, tranquilli e calmi avrei passati i miei dì, e con più tranquillità e calma nell'ora funerea del sempre eterno riposo la mia mortale spoglia posarla « onde fu tolta ».

Ma avrei voluto su quei vergini labbri e su quei divini occhi lasciare l'anima mia con caldi baci e morire nel suono delle sue dolci parole. Voleva amarla e sola di ella « riamato amante ».

Si sollevarono allora contro di me e di ella le voci della gente e di natura intiera, si sollevarono dagli abissi i pregiudizii, e la fortuna non volle. Voleva donargli quel nome « più sacro che d'amante » voleva vederla al mio collo abbracciata, voleva godermi dei suoi dolci sorrisi.

Ma come obliarla? e come abbandonarla? e come tenerla per sempre? Ah lungi, lungi le orecchie da un tale pensiero! cangi

tutto in furor la tenerezza mia.»

Questo solo oggetto potea rendermi felice, potca lusingarmi ma « l'odio mi lasciò della vita e di me stesso ».

Tu dolce amico perché « vuoi prolungare questo lampo di luce? » solo mi basta che « sull'acerbo caso una stilla taler spargi di pianto. »

Antonio Salerno

### Conto

Entrava pela loja de um barbeiro  
Certo rapaz ancioso de ter barba  
— Avic, senhor mestre (lhe dizia),  
E o pachorrento mestre, que não via  
No liso rosto um só signal de barba,  
Lh'o lava, e lh'o relava:—

Já lhe alteiam na cara  
Batidos, rebatidos, todo espumas  
Tresaltos de sabão.—Eis que ora o mestre  
Toma um cachimbo, accende o e vae  
sentar-se  
A' porta, a ver quem passa; serôdeo  
O rapaz, de esperar desesperado,  
Lhe pergunta: Que faz, não me barbêa?  
Mui logrativo, o mestre lhe responde:  
—Estou esperando, que lhe esponte o  
pêllo

L. Gallina Junior.

### Echos e Notas

**Centro Recreativo « Democracia Internacional. »** — Realizou sabbado u. p. no salão Internacional a festa inaugural do Centro Recreativo « Democracia Internacional ».

Mau grado o tempo pessimo, o salão estava cheio literalmente, e dançou-se animadamente até o despontar da manhã.

A falta de espaço não nos permite de fazer os nomes dos senhores, senhoras e senhoritas que interviram, limitando nos somente em notar nestas linhas que estiveram presentes as commissões das sociedades: *Internacional "Recreio da Barra Funda"* e *Sociedade Recreativa "Flor da Mocidade"*.

Auguramos á nova Sociedade uma vida longa e prospera.

**Sociedade Recreativa "Flor da Mocidade"** — Esta sympathica sociedade realiza amanhã um baile das 4 horas da tarde á 1 hora da madrugada.

E' de esperar que as gentis senhoritas deste bairro não deixem de concorrer á essa festa.